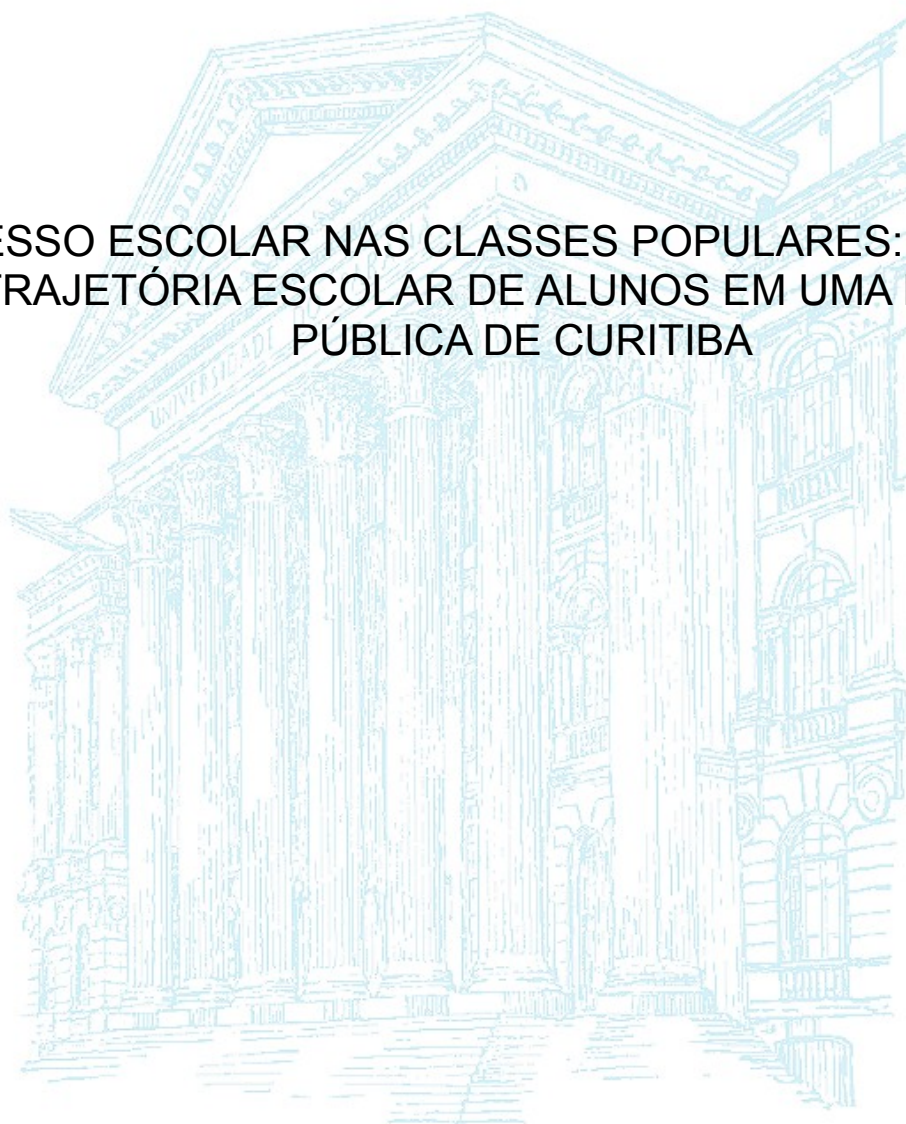


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KARINE VERONA DA CRUZ NEVES DA SILVA

SUCESSO ESCOLAR NAS CLASSES POPULARES: ANÁLISE DA
TRAJETÓRIA ESCOLAR DE ALUNOS EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE CURITIBA



CURITIBA
2015

KARINE VERONA DA CRUZ NEVES DA SILVA

SUCESSO ESCOLAR NAS CLASSES POPULARES: ANÁLISE DA
TRAJETÓRIA ESCOLAR DE ALUNOS EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE CURITIBA

Trabalho apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de graduanda no curso de
graduação em Pedagogia, Setor de Educação da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Floriano Machado

CURITIBA

2015

Você é filho de um assalariado, trabalhador, empregado, agricultor. Salvo um acaso providencial, seu destino é permanecer um assalariado por toda a vida. Veja só, bem ao seu lado, na rua vizinha, o filho de um possuidor, de um detentor de capitais. Apenas sob circunstâncias extraordinárias, ele será sua vida inteira, direta ou indiretamente, um patrão. (...) Alguém nos responderá: a sociedade distribui a cada um dos seus membros o papel, a tarefa que convém a suas faculdades. É necessário que um mande e o outro execute, que um trabalhe com sua mente e o outro com seus braços. Assim, são necessários homens para todas as tarefas, e seria absurdo que cada um pretendesse comandar os outros. Mas onde encontramos a certeza de que o filho do possuidor tenha sido mais digno do que o filho do proletário? Quando, pois, medimos contraditoriamente suas aptidões, isto é, sua inteligência e sua cultura? Um é mais instruído que o outro? É que um primeiro privilégio, uma primeira distinção arbitrária os separou, desde quando suas consciências despertaram para a vida.

Peugny (2014) *apud* León Blum, *Pour être socialiste*, 1919

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O HOMEM COMO CONSTRUCTO SOCIAL	8
2.1 O HOMEM E SUAS RELAÇÕES SOCIAIS NA VISÃO SOCIOLÓGICA.....	8
2.2 A JUVENTUDE COMO CATEGORIA SOCIALMENTE CONSTRUÍDA.....	10
2.3 O SUCESSO ESCOLAR NAS CLASSES POPULARES.....	12
3 O DISCURSO MERITOCRÁTICO: JUSTO OU INJUSTO?	15
3.1 EXISTE ESCOLA JUSTA?.....	17
4 ANÁLISE DE DADOS DE PESQUISA EMPÍRICA	21
4.1 CASO PARTICULAR: ENTREVISTA COM ALUNA COM SUCESSO ESCOLAR, DE CLASSE POPULAR.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	38
QUESTIONÁRIO	38
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA	40

1 INTRODUÇÃO

O sucesso na trajetória escolar é um fator que pode favorecer na superação e ascensão social, ainda mais para indivíduos das camadas populares, pois tendo acesso à cultura escolar e aos conhecimentos científicos através dos estudos, poderão compreender melhor o mundo e como funcionam os mecanismos de manutenção e reprodução de uma sociedade desigual, reprodução esta que também ocorre dentro das escolas, através das ações pedagógicas dominantes, assim como afirmam Bourdieu e Passeron (2014) em que:

...a ação pedagógica (AP) vise a reproduzir o arbitrário cultural das classes dominantes ou das classes dominadas... O alcance dessas proposições encontra-se definido pelo fato de que elas convêm a toda formação social, entendida como sistema de relações de força e de sentido entre grupos ou classes. (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p. 26)

Assim, legitima-se a *violência simbólica* do *arbitrário cultural* das classes dominantes sobre as classes dominadas, com a finalidade de serem preservadas e perpetuadas, através da violência simbólica (especificamente através da ação pedagógica nas escolas) à qual Bourdieu e Passeron (2014), explicam:

A AP é objetivamente uma violência simbólica, num primeiro sentido, enquanto que as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas de uma formação social estão na base do poder arbitrário que é a condição da instauração de uma relação de comunicação pedagógica, isto é, da imposição e da inculcação de um arbitrário cultural segundo um modo arbitrário de imposição e de inculcação (educação). (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p. 27)

A partir dessa linha de análise, há questões pensadas por sociólogos como Peugny (2014), o qual levanta dúvidas se o acesso universal à escola garante a igualdade social e se isto é suficiente para afastar o ciclo de reprodução social, afirmando que se quebre o ciclo de trajetória dos indivíduos provenientes de classe popular que tendem a permanecer na classe popular. Mas se os indivíduos dessas classes apresentarem um histórico de sucesso escolar desde cedo, é possível que ascendam socialmente e economicamente

ao longo da sua trajetória? Suas chances de superação e mobilidade social serão maiores? Poderão eles após a educação básica ingressarem no ensino superior? Poderão conquistar uma carreira profissional com mais qualificação e reconhecimento?

O segundo capítulo deste trabalho vai elucidar o homem como constructo social, com o objetivo de refletir sobre como os estudos dos clássicos da sociologia apontam e explicam as relações sociais, já que os homens são construídos pelas relações sociais que os cercam. Em vivência no estágio obrigatório de gestão escolar, do curso superior de Pedagogia, ouvi uma professora de ensino médio mencionar que seus alunos eram os bebês da vida adulta, que eles seriam os adultos e profissionais do amanhã, e isto despertou o desejo de investigar mais sobre esta categoria socialmente construída que é a adolescência e juventude, de maneira que será analisado ainda neste capítulo como este conceito foi sendo construído historicamente, para que possamos entender como são os adolescentes e os jovens de hoje que estão nas escolas e que vivem, expressam-se e representam esta categoria na sociedade. No último tópico deste capítulo iremos abordar o sucesso escolar nas classes populares, sendo que o sucesso escolar neste trabalho será compreendido pelo bom rendimento escolar, que é medido por nota acima da média necessária para aprovação por média, e o ingresso dos alunos de classe popular em uma universidade pública e gratuita, como consequência de uma trajetória escolar de sucesso, além de o conceito de “bom aluno” ser construído pelos próprios alunos, através de suas respostas descritas no questionário, que será melhor detalhado e explorado no terceiro capítulo deste trabalho.

No terceiro capítulo, será elucidado a origem histórica do discurso meritocrático, como foi se construindo ao longo da história da humanidade, e suas implicações no âmbito escolar, e a partir desta abordagem, na segunda parte deste capítulo, será discutido se existe escola justa, e como se dá e se opera a meritocracia no âmbito escolar, quais implicações e impactos ela pode acarretar nos alunos provenientes de classes populares.

Este estudo também irá analisar, no quarto capítulo, os dados de pesquisa empírica feita entre uma turma do primeiro ano do ensino médio, uma turma do segundo

ano e em duas turmas de terceiros anos, do colégio Estadual Leôncio Correia, através de um questionário por eles respondido, além de análise de uma entrevista realizada com uma ex-aluna da referida instituição, um caso particular de classe popular e com sucesso escolar. Os estudos terão como objetivo analisar quais os fatores que podem propiciar o sucesso escolar desses alunos advindos da classe popular.



© nosso Sistema educacional em uma imagem.

FONTE: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+sucesso+escolar&biw=1366&bih=643&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiOtebC34nKAhVEhJAKHd1HAmSQsAQIGw#tbm=isch&q=educa%C3%A7%C3%A3o+e+desigualdade+social&imgc=BVvS4BdrOq77fM%3A>

2 O HOMEM COMO CONSTRUCTO SOCIAL

O objetivo deste capítulo é refletir sobre os como os estudos dos clássicos da sociologia apontam e explicam as relações sociais, já que os homens são construídos pelas relações sociais que os cercam. Por esse motivo se fez necessário recorrer aos precursores das ciências sociais para compreender tais fenômenos, bem como perceber que os estudos recentes buscam auxílio nos pressupostos de tais obras pioneiras.

2.1 O homem e suas relações sociais na visão sociológica

A vida do ser humano é, desde o seu início, uma teia de relações interpessoais, e consequentemente sociais. Para sobreviver e viver, necessita destas relações sociais, através de relações de colaboração e interdependência. Cabral (2015) elucida que Max Weber parte do indivíduo para explicar a ação social, e seu objeto de estudo é a ação humana, sendo esta dotada de sentido, cabendo ao cientista social elaborar e estabelecer conexões causais (esquemas), a fim de se chegar à decifração do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação, sendo que a ação social é orientada ao outro.

Quando o indivíduo nasce, acaba sendo fruto da criação e convivência dos indivíduos do seu entorno, sendo “moldado”, direcionado e orientado de acordo com o meio social o qual nasce, sua cultura, hábitos, costumes, modo de pensar e agir. Por isto a ação social de Weber elucida como um indivíduo age em relação ao outro, e como o outro lhe transmite valores morais, culturais, ideias, conceitos de educação e visão de mundo. Ninguém nasce pronto, mas vai sendo construído pelo meio social em que nasce e convive, sendo esta construção constante e variável, de acordo com que tipo de homem em formação, o meio social o qual ele está inserido, almeja formar. Após supostamente “construído”, quando atinge um certo nível de maturidade, podendo ter como parâmetro a vida adulta, é onde Weber entra em cena para explanar como as *ações sociais* se desenrolam sua na vida de acordo com as suas escolhas enquanto indivíduo, que dirão como ele é em questão de preferências e personalidade, porém

escolhas estas tomadas e praticadas em sociedade.

Já Émile Durkheim, cujo objeto de estudo é o *fato social*, que são as relações sociais, como elas se dão e como acontecem, é tudo aquilo que garante a preponderância da sociedade sobre os indivíduos, afirmando que a coercitividade é uma força que obriga os indivíduos a fazerem ou não qualquer coisa em sociedade. Os *fatos sociais* dão o tom da ordem social, sendo construídos pela soma das consciências individuais de todos os homens e, ao mesmo tempo, influenciam cada uma. A ação coercitiva do fato social é o que nos impede ou nos autoriza a praticar algo, por exercer uma pressão em nossa consciência, dizendo o que se pode ou não fazer, logo a educação (abordada neste trabalho por analisar o sucesso escolar nas classes populares) é coercitiva, e dotada de exterioridade, pois é exterior ao indivíduo, em que as normas e comportamentos pré-estabelecidos do meio externo, ou seja, da sociedade, tem o objetivo de serem introjetados no seu interior. O que o indivíduo sente, pensa ou faz, independente de suas vontades individuais, é um comportamento estabelecido pela sociedade segundo o fato social, e não é algo que seja imposto especificamente a alguém, é algo que já estava lá antes, que continua depois do nascimento, e que não dá margem a escolhas.

Partindo do pressuposto de Berger e Luckmann (1985), o mundo intersubjetivo, cujos homens participam juntamente com outros homens, convivendo e compartilhando do mesmo mundo, pode-se aferir que tanto Weber, quanto Durkheim, às suas maneiras, pesquisaram os fenômenos sociais do homem a partir da sua relação com o outro, assim o seu produto final é a formação dele enquanto constructo social. O autores relacionam estes dois nomes da Sociologia, afirmando que Durkheim nos diz que a primeira regra do método sociológico é tratar os *fatos sociais* como coisas, e que Weber nos diz que devemos tratar as *ações sociais* a partir dos significados subjetivos do indivíduo, e apesar de parecerem contraditórios, não o são, pois “o duplo caráter da sociedade em termos de facticidade objetiva e significado subjetivo que torna sua realidade '*sui generis*'”, (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 34) o que nos leva a perceber que os dois analisaram as duas faces distintas da mesma moeda, que é a realidade cotidiana das relações sociais dentro do mundo em que nascemos, despertamos nossa consciência à vida,

relacionamo-nos uns com os outros, e somos educados e ensinados de acordo com a cultura, valores e que tipo de ser humano que os indivíduos por nós responsáveis desejam intencionalmente nos construir para viver em sociedade, enfim, que tipo de constructo social a sociedade nos forma enquanto sujeitos. Questões estas que podem ser pensadas e elucidadas por Weber e Durkheim, para entender pelo viés da educação, não formal e formal, como esses mais diversos valores são transmitidos pelas gerações, e como os indivíduos, imersos na sociedade e no mundo, vivam dentro da sua realidade cotidiana e estejam se construindo socialmente, pois “minha atenção a este mundo é principalmente determinada por aquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele.” (BERGER, LUCKMANN, 1985, p. 39)

A fim de problematizar a questão, refletiremos sobre a juventude a fim de pensar como esta categoria, a qual é socialmente construída, e que formará os indivíduos adultos do futuro. Nesse sentido, Berger e Luckmann (1985) ajudam a pensar nessa juventude que convive no mundo comum da vida cotidiana, o qual é estruturado espacial e temporalmente, temporal no sentido de ser consciente e constantemente presente na realidade diária, em que, imersos na subjetividade das suas realidades e no seu cotidiano, repleto de constantes e novas descobertas e responsabilidades, estão coexistindo continuamente, interagindo e se comunicando entre eles nos mais diversos espaços, seja no âmbito familiar ou no escolar, ao estar constantemente entrelaçando suas relações sociais em suas vidas cotidianas.

2.2 A juventude como categoria socialmente construída

Algumas afirmações acerca da infância e juventude geram as reflexões acerca do que é a adolescência e que categoria social é esta que está no ensino médio, existente em grande número na sociedade, dada sua notoriedade. O conceito de infância e adolescência que temos na atualidade começou a ser construído historicamente no século XIX. Segundo Grossman (2010), a infância passou a ser encarada como um momento privilegiado da vida, e a adolescência foi reconhecida como um momento crítico

da vida, temida como uma fase de potenciais riscos para o indivíduo e para a sociedade, uma fase de 'turbulência'. A partir de então esta fase passou a ser alvo de interesse de médicos e educadores.

Já partindo da análise de como os adolescentes e jovens na contemporaneidade são vistos, Leão, Dayrell e Reis (2011) afirmam que os mesmos são notados apenas como alunos nas esferas escolares, e sua construção histórica e social enquanto indivíduos acabam por ser deixadas de lado por parte dos professores e profissionais da educação. Ainda segundo os autores, o jovem ou o adolescente “a princípio, torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de sua inserção social.” (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011, p. 1068) Tendo esta tomada de consciência, os jovens despertam para suas aspirações e anseios sobre a vida adulta, e é na escola, mais precisamente na etapa de ensino a qual se encontram, passam a elaborar seu projeto de vida mais detalhadamente, tendo em vista a idade se aproximando da fase adulta. Muitas experiências, dúvidas, inseguranças permeiam esta fase da vida, pois são indivíduos ainda em formação, de identidade, de preferências e de personalidade, deparando-se com a difícil tarefa de decidir qual melhor rumo pessoal e profissional que devem tomar, imaginando-se, em primeira análise, na escolha de uma profissão que potencialmente irão exercer pelo resto da vida. No contexto do século XXI, nos dias atuais, como explica Grossman (2010), em que são tempos de atrativos tecnológicos e de busca desenfreada de bens de consumo, a oferta é constante, mas nada é suficiente, e isto pode explicar as angústias da fase da adolescência as escolhas que trazem muitas expectativas e ansiedade, por exigirem certa responsabilidade, ainda mais pelo fato de muitos jovens estarem indecisos acerca de qual carreira profissional trilhar.

Tais dúvidas e incertezas, junto às novas experiências e descobertas da adolescência e juventude, trazem uma carga ainda mais pesada à responsabilidade das suas escolhas. O projeto de vida que idealizam, segundo Leão, Dayrell e Reis (2011), é “uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os

desejos e as fantasias que lhes dão substância objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida.” (LEÃO, DAYRELL e REIS, 2011, p. 1071)

Quem já não fez a pergunta do tipo: “o que vou fazer da minha vida?”, e juntando suas experiências pessoais, seu contexto social e cultural, poderá desenvolver possibilidades de planejamento do seu futuro, e apesar da existência da reprodução social ser um mecanismo do sistema capitalista, através da sua “estrutura de relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p.27), no momento histórico atual em que vivemos, surge a oportunidade de os jovens planejarem um futuro como agente do progresso, pois segundo Leão, Dayrell e Reis (2011) ele (o futuro) não se repete, é o terreno do novo, ou seja, a possibilidade de ter uma vida diferente das suas origens se torna cada vez maior, sendo pelo viés da educação e dos estudos uma das oportunidades, se não uma das principais, de os indivíduos de classe popular poderem ter um futuro distinto do seu seio familiar e das suas gerações anteriores.

2.3 O sucesso escolar nas classes populares

Como dito anteriormente na introdução deste trabalho, entendemos que o sucesso escolar nos meios populares está relacionado ao bom rendimento escolar no sentido de se atingir notas acima da média, aprovação por média e ingresso no ensino superior em uma universidade pública e gratuita. Explorando mais o sucesso escolar, há que se compreender que tal feito depende de muitos fatores, um deles são as configurações familiares às quais tais jovens estão inseridos, pois segundo Lahire (1997) “as condições de existência de um indivíduo são primeiramente as condições de coexistência, que não determinam o indivíduo, mas que criam nele uma relação dele com o mundo e com o outro”.(LAHIRE, 1997, p. 19)

Percebe-se, através do incentivo ou da falta dele, que o meio social o qual tais

jovens convivem são muito importantes e podem influenciar de maneira essencial suas escolhas, como por exemplo qual rumo decidir tomar na vida ao concluir o ensino médio. Por exemplo, tomemos como exemplo hipotético para tentar elucidar melhor num primeiro momento (porém é importante salientar que será feita análise dos dados da pesquisa empírica realizada neste trabalho, à qual será tratada e detalhada no terceiro capítulo, além da entrevista feita com um caso particular de sucesso escolar): se um jovem que vem de um contexto social fragilizado, que precisaria trabalhar ao concluir o ensino médio por necessidade de ajudar financeiramente sua família, mas a mesma, mesmo passando por dificuldades, decide incentivá-lo a estudar e a prestar um vestibular, pois almeja para ele uma vida melhor, motivando-o a buscar uma vida que seus próprios familiares almejavam mas não tiveram, tal incentivo poderá lhe possibilitar a mobilidade social e a superação, e desta maneira poderá ser quebrado o ciclo de reprodução social. Por outro lado, se este jovem não tem incentivo, encontrando-se no mesmo contexto socioeconômico frágil, e se sua família não reconhecer a cultura escolar como fator importante e decisivo de superação e mobilidade social e o direcionando a trabalhar para ajudar a sua família, sendo assim, serão menores suas chances de continuar os estudos e ingressar no ensino superior, no sentido de conquistar uma vida melhor e escapar do ciclo de reprodução social, pois provavelmente não irá atingir a escolaridade exigida necessária para se conquistar um emprego com melhor qualificação e remuneração.

Como afirma Lahire (1997), “a estrutura e os comportamentos dos indivíduos dependem da estrutura de suas relações com os outros indivíduos, sendo que a criança constitui seus esquemas comportamentais e cognitivos através das relações com as pessoas que as cercam, principalmente os membros da sua família”. (LAHIRE, 1997, p. 17) Por tal motivo, pode-se afirmar que a configuração familiar o qual o jovem está inserido influencia muito em suas escolhas, pois é o primeiro meio social o qual convive e vai construindo seus esquemas comportamentais, desenvolvendo-as ao longo de sua formação enquanto indivíduo, sendo o momento da conclusão do ensino médio um dos importantes marcos da sua trajetória de vida, na qual, em linhas gerais, irá decidir o rumo que irá tomar, com grandes chances de definir como será o seu futuro.

Refletindo como estes jovens pensam e quais estratégias tomam para decidir sobre o seu futuro, os provenientes dos meios populares e com sucesso escolar, acabam por se superar no sentido de ir na contra mão da reprodução social, pois tal feito não é esperado pela sociedade, pois como explicam Bourdieu e Passeron (2014), há um esforço por parte da sociedade em reproduzir as classes sociais, em que as classes dominantes pretendem manter as classes dominadas onde estão, e reproduzir seus membros, a fim de manter a sua cultura dominante. Tal reprodução, além de ocorrer na sociedade, também ocorre nos espaços escolares, pois também é onde ocorre uma “formação social, entendida como sistema de relações de força e de sentido entre grupos ou classes” (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p. 26). O próprio sistema escolar reproduz e impõe o poder arbitrário da ação pedagógica dominante. Sendo assim, os indivíduos de classe popular poderão obter maiores chances de mobilidade social se apresentarem sucesso escolar? Qual a ação e a importância do meio social em que estes indivíduos vivem para que ocorra o sucesso escolar e venha a fazer diferença na sua vida, de maneira que consiga conquistar uma vida melhor?

A compreensão dos mecanismo da construção social da juventude é fundamental para analisarmos as diferentes trajetórias escolares em que o discurso da meritocracia domina o imaginário social, influenciando os próprios sujeitos em suas escolhas. Neste sentido, o próximo capítulo busca analisar a meritocracia e suas implicações no âmbito escolar.

3 O DISCURSO MERITOCRÁTICO: JUSTO OU INJUSTO?

...novas questões são acrescentadas à agenda dos sociólogos da educação e velhas questões precisam ser ressignificadas: como enfrentar as desigualdades e resistir às práticas de reprodução social? Como se posicionar face à unidade da ciência e à pluralidade das culturas? Que fins deve perseguir a escola? Que saberes ensinar? Como distinguir a meritocracia escolar tal como a percebem os indivíduos da meritocracia escolar idealizada? (VALLE, 2013, p. 661)

Segundo Barbosa (2006), a meritocracia em seu conceito global está ligada à construção de hierarquias baseadas na avaliação do desempenho individual dos cidadãos que compõem uma sociedade, estando ela associada a uma “aristocracia de talento, de intelecto, composta de acadêmicos, produtores de conhecimento e informação, profissionais liberais e elites gerenciais, e é legitimada pelos diplomas universitários.” (BARBOSA, 2006, p. 24) Ainda segundo Barbosa (2006), a história da meritocracia é explicada por Weber, que chamava a atenção a este novo tipo de aristocracia que nascia nas sociedades modernas, que através dos diplomas determinavam seu *status* social, como em comparação num passado mais distante, em que a posse de propriedade determinava o *status* dos indivíduos, e desde a Revolução Francesa a meritocracia passou a ser formulada como é vista atualmente, mergulhada na ideologia neoliberal¹, em que “cada um deve receber na devida proporção de seu próprio esforço e capacidade... o desempenho como único critério legítimo e desejável de ordenação social.” (BARBOSA, 2006, p. 26)

Assentados no sistema neoliberal, há o mercado como ponto de encontro de cidadãos autônomos, iguais juridicamente e civicamente, o qual individualiza o desempenho dos sujeitos que compõem a sociedade. Nesta lógica o indivíduo passa a ser o único responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, ou seja, pelo seu destino. A meritocracia então faz com que os indivíduos passem a competir entre si para conquistar um emprego melhor, remuneração melhor, em suma, uma vida melhor. Mas, dentro desta lógica de mercado, que para ser sustentado precisa de consumo, a ideologia da meritocracia o favorece, pois com a competição entre os indivíduos que compõem a

¹ Neoliberalismo, na política, é um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia, em que deve haver total liberdade de comércio, para garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

sociedade, há o desejo meio que insaciável de consumir mais e exibir bens materiais, gerando disputas entre os indivíduos e fazendo com que essa exibição e concorrência sejam os alimentadores do sistema capitalista neoliberal de consumo, e com que se trave a luta das classes sociais, pois todos anseiam por uma vida melhor, através dos bens de consumo e do acesso aos serviços de qualidade, como saúde, segurança, alimentação, moradia, entretenimento, bens culturais e educação. Dessa maneira, o mercado lucra com o consumo, então a meritocracia lhe “cai como uma luva”, sendo sustentado por esse sistema, em que o desempenho individual é visto como determinante para sua ascensão social.

Mas chega-se ao impasse: a meritocracia como é instituída é algo justo ou injusto no sentido de determinar as escolhas e a vida dos sujeitos? Importante ressaltar que nem todos os indivíduos têm as mesmas chances e oportunidades ao longo da vida, e que, nos entraves da luta de classes, a meritocracia acaba favorecendo quem tem as melhores oportunidades, pois as classes dominantes são as mais privilegiadas das melhores condições de vida, por terem mais facilmente o acesso aos serviços de qualidade citados acima. Dubet (2004) nos ajuda a pensar na meritocracia no âmbito escolar, pois se a escola agir de maneira puramente meritocrática, como permitir uma competição escolar justa entre alunos social e individualmente desiguais? Já Lahire (2003) afirma que é no espaço escolar que se notam essas desigualdades, onde se dá “a reprodução da estrutura das classes, as relações de força entre arbitrários culturais, a reprodução da estrutura de distribuição dos capitais e, mais especificamente, do capital cultural.” (LAHIRE, 2003, p. 984). Para explicar o *capital cultural*, Lahire (2003)² remete ao período histórico francês dos anos 1960-1970, em que a sociologia francesa estabelece que a cultura legítima, especificamente a que a escola elege como a digna de ser transmitida, funciona nas formações culturais escolarizadas como metaforicamente uma moeda de troca desigualmente distribuída, percebendo que também ocorria a reprodução das relações sociais dentro dos espaços escolares. Portanto, tais estudos de Lahire (2003)

2 Nesta obra o autor faz referências às pesquisas desenvolvidas por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, em estudo acerca do sistema de ensino francês na década de 1960. A este respeito ver: BOURDIEU, P e PASSERON, J. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

nos mostram como a meritocracia pode ser injusta no âmbito escolar, bem como na perspectiva das relações entre as classes sociais.

2.1 Existe escola justa?

Lahire (2003) ainda esboça, citando um trecho de Passeron (1991), como houve resistência social por parte das elites no sentido da universalização do acesso às escolas para todas as classes, no período anterior à reprodução das classes sociais dentro das instituições escolares:

No decorrer da institucionalização e do crescimento dos sistemas de ensino, a resistência da "educação nobre" (embasada no adestramento físico e moral e que costumava recorrer ao emprego entre "pares") contra o desenvolvimento do modo escolar de educação produziu uma tensão específica, cheia de conseqüências tanto para a história social como para a história dos costumes. Ainda no século XVIII, a fronteira social e a fronteira da educação escolar não coincidiam. Com pouca ou nenhuma escolarização, as pessoas de alta condição social mal se distinguiam das do povo pela linguagem: isto tanto atesta o caráter secundário da legitimação letrada da classe social como explica a função de indicador social reservada a outros sinais: vestuário, modos mundanos ou militares, por exemplo. (LAHIRE, apud PASSERON, 1991, p. 101)

Com o passar do tempo, chegando aos dias atuais, pode-se pensar que há um esforço para que ocorra a justiça social nas escolas por um lado, através da gestão democrática que rege as instituições de ensino brasileiras, mesmo que por outro lado ainda ocorra a reprodução de classes sociais dentro delas, como explana Lahire (2003), em que coloca:

...as teorias da reprodução somente no âmbito de um espaço social que colocou a escola no cerne dos processos de reprodução das desigualdades sociais, por um lado, e de um espaço político democrático que tem fé no papel democrático da escola, por outro. Ao analisarem as funções sociais da escola a partir da questão da igualdade e da desigualdade das chances, os sociólogos da época contribuíam para a construção social e a manutenção de um espaço político fundamentado sobre a crença em valores de igualdade. (LAHIRE, 2003, p. 987)

Ao indagar se há escola justa, é importante ter em mente que para se operar a

reprodução das classes sociais dentro das escolas, existe a exclusão como mecanismo de manutenção da reprodução social no âmbito escolar. Dentro dos espaços escolares há alunos advindos de meios já “excluídos”, como explica Dubet (2003), e que encontram dificuldades por estarem nesta posição, sendo eles os sujeitos mais vitimizados pelas desigualdades de oportunidades também escolares. Também vale ressaltar que a escola está dentro de uma estrutura social já perpassada por mecanismos de exclusão, e que dentro dela há “mecanismos propriamente escolares que engendram uma segmentação escolar, determinante na formação dos percursos de exclusão” (DUBET, 2003, p. 30). Porém, Dubet (2003) propõe a escola como operante da reprodução social e consequentemente das desigualdades sociais, mas ela não é “culpada” ou única responsabilizada por excluir os alunos das camadas populares, mas apenas está dentro dos mecanismos de exclusão da sociedade. A este respeito, Peugny (2014) justifica que “a escola é reflexo de toda a sociedade; ela se considera mais justa e mais igualitária que muitas outras, ao passo que, na prática, ela permaneceu elitista e desigual.” (PEUGNY, 2014, p. 95)

Para tal compreensão, é preciso lembrar a relação entre escola e sociedade, estabelecida pela escola republicana no final do século XIX, em que Dubet (2003) caracteriza esta relação por um lado, da distância entre a escola e a produção, e por outro lado, de uma forte adequação da oferta escolar ao sistema de classes sociais. “A escola republicana era impelida pelo projeto de instalar uma cidadania nova e pela legitimidade das instituições republicanas” (DUBET, 2003, p. 31), não tendo preocupação com a economia e com a formação profissional dos estudantes, mas, partindo como exemplo as escolas francesas até o início dos anos 60, existiam critérios de recrutamento para as diversas camadas sociais: as crianças do povo ingressavam nas escolas primárias, as crianças da burguesia ingressavam nos liceus (centralizados nas humanidades e reivindicavam a gratuidade do saber contra os conhecimentos propriamente produtivos e úteis, historicamente resistindo ao ensino técnico e profissional) e as crianças das camadas médias ingressavam no ginásio. Desta maneira, Dubet (2003) diz que tal modo de recrutamento é caracterizado por uma seleção que ultrapassa a escola, o que nos

sugere a pensar, através dessa análise, que não é a escola que realiza as operações de distribuição dos alunos, mas sim as desigualdades sociais que comandam diretamente o acesso às diversas formas de ensino.

Sendo assim, se existe ou não escola justa, talvez esta não seja a questão a ser pensada, mas se existe ou não sociedade justa, pois estando posta uma sociedade permeada de desigualdades sociais, as instituições escolares, estando inseridas na sociedade, acabam por reproduzir tais desigualdades sociais dentro de seus espaços, permitindo com que ocorrendo a reprodução social, ocorram também as desigualdades sociais. Ou seja, enquanto houver uma sociedade injusta socialmente, também haverá escolas predominantemente injustas socialmente no sentido de produzir as desigualdades sociais, apesar dos esforços e da luta da gestão democrática nas escolas, que visam, se não exterminar, pelo menos atenuar o quadro de injustiça social, buscando tomar medidas mais justas e democráticas nas suas práticas, juntamente com a comunidade que as integram. Dubet (2004) elucida bem esta reflexão acerca da existência de uma escola justa, e como a meritocracia escolar é falsamente anunciada como benéfica no sentido de igualizar as oportunidades:

Se compararmos a justiça meritocrática a uma espécie de competição esportiva, seria preciso garantir que todos os competidores conhecessem as regras do jogo, o que não é o caso da escola, em que muitas famílias as ignoram; seria preciso que o terreno fosse igual para todos, ou seja, que o sistema fosse transparente e que os juízes não fossem parciais. Ainda estamos longe disso, apesar da igualdade de oportunidades alardeada em todos os discursos. (DUBET, 2004, p. 544)

Tais questões são importantes para serem pensadas, a fim de que se reconheça o que a escola pública no Brasil atualmente vem fazendo de maneira a atenuar a reprodução social e as desigualdades sociais através da gestão democrática vigente, com características às quais Libâneo (2004) elucida:

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e

metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade, e favorecem uma aproximação maior entre professor, alunos e pais. (LIBÂNEO, 2004, p.102)

Desta forma, o próximo capítulo irá analisar os dados de uma pesquisa empírica feita através de questionários respondidos pelos alunos do ensino médio de uma escola pública, o Colégio Estadual Leôncio Correia, para observar mais de perto o seu perfil, seus anseios e expectativas em relação ao ensino superior. Também será realizada uma entrevista com uma ex-aluna da referida instituição, advinda de classe popular e que passou no vestibular da UFPR através das cotas sociais, com o intuito de analisar sua trajetória escolar e o que, nas suas relações sociais, influenciou o seu sucesso escolar. A fim de elucidar melhor a ideia de que as camadas populares podem, através da educação, ter possíveis chances de almejar uma vida melhor, finalizamos o capítulo com o seguinte excerto de Naiff, Sá e Naiff (2008):

A vinculação mais objetiva entre escolaridade e renda vai mostrar que existe uma relação diretamente proporcional entre anos de estudo e melhoria nas condições de vida da população (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2000). Isso aponta para o fato de que estar na escola, aprendendo, constitui-se em uma possibilidade de mudança nas perspectivas de inserção no mercado de trabalho e conseqüente maiores chances de geração de renda. (NAIFF, SÁ, NAIFF, 2008, p. 127)

4 ANÁLISE DE DADOS DE PESQUISA EMPÍRICA

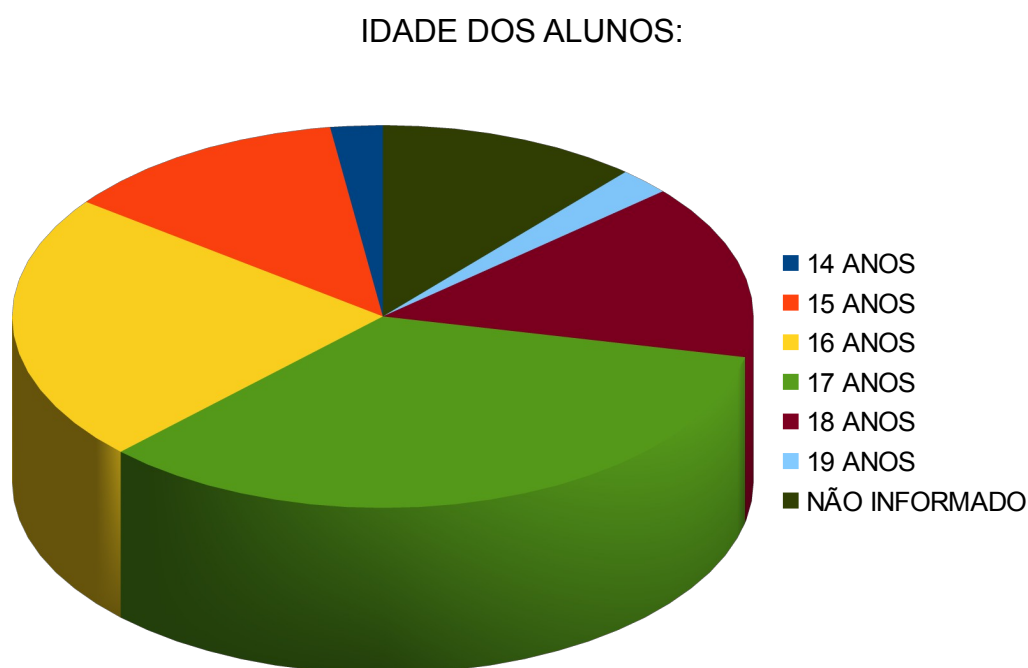
Esta pesquisa empírica foi realizada no Colégio Estadual Leôncio Correia, que oferta os anos finais do ensino fundamental, ensino médio, técnico e subsequente. Foram aplicados questionários para quatro turmas de ensino médio, sendo uma turma do primeiro ano, uma turma do segundo ano e em duas turmas de terceiros anos, com questões como: idade; gênero; bairro onde reside; número de pessoas residentes na casa; religião; cor/raça; escolaridade dos pais; renda familiar e quais as formas de lazer que mais praticam. Todas estas questões objetivas, com o intuito de conhecer/identificar o perfil dos alunos e qual lugar ocupam na sociedade. Há também perguntas abertas e mais subjetivas, tais quais: “o que é ser um ‘bom aluno’ para você?”; “você se considera um bom aluno?”; “vai fazer ou já fez a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)?”; “está preparado para a prova do ENEM? Por quê?”; “quem são os maiores incentivadores para a continuidade de sua trajetória escolar? Explique”; “concluindo o ensino médio, pretende ingressar no ensino superior?”; “Se sim, deseja tentar vestibular para qual faculdade/ universidade?”; “está se preparando para o vestibular de que maneira?”. Tais perguntas abertas têm a finalidade de saber o que se entende por sucesso escolar na visão dos alunos, se pretendem continuar os estudos no ensino superior após a conclusão do ensino médio e de que maneira estão se preparando para prestar a prova do vestibular e/ou ENEM.

Quanto à localização da escola, a mesma fica no bairro Bacacheri, região norte de Curitiba, e está situada em uma localidade com fácil acesso a vários serviços e estabelecimentos como os Correios, bancos, lotéricas, lojas, *shopping*, posto de saúde, posto de gasolina, quartel, restaurantes, corpo de bombeiros e terminais de ônibus próximos. O Colégio possui atualmente cerca de 3000 alunos, atendendo a uma comunidade bem diversificada, oriunda dos mais diversos bairros dos arredores, e dos bairros de municípios próximos. A maioria dos alunos atendidos pelo Colégio vem de famílias de classe social entre média e baixa, segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (através dos dados da pesquisa, será elucidado melhor adiante questão da renda

dos pais, especificando a renda entre faixa de valores).

Para analisar os dados amostrais da pesquisa empírica, serão utilizadas algumas das cinco categorias de Lahire (1997, p. 20) para descrever as configurações familiares dos alunos, às quais são: as formas familiares de cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

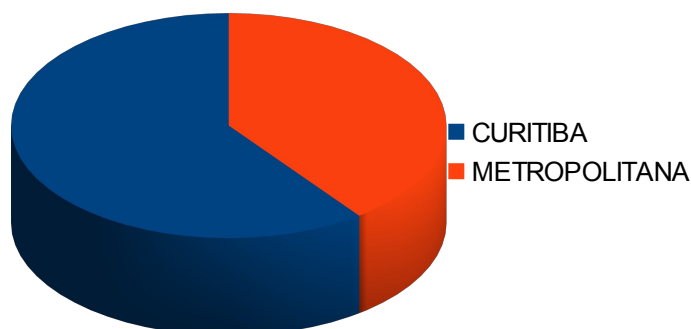
Ao total, foram 87 alunos entrevistados. Quanto à idade, vê-se o gráfico:



O gráfico mostra a maior quantidade de alunos está presente na idade de 17 anos, 34% do total, e em segundo lugar, 23% deles, com 16 anos de idade. Em seguida, 15%, alunos com 18 anos de idade. O cálculo para verificar se há defasagem de idade/série foi verificado somente no primeiro e segundo ano, sendo que dos 17 alunos que responderam ao questionário do primeiro ano, 3 têm 16 anos de idade e 1 tem 17 anos, apresentando uma defasagem de 23% nesta turma. Já no segundo ano, ao total dos 25 alunos, 10 têm 17 anos e 2 têm 18 anos, o que representa 48% de defasagem idade/série nesta turma, sendo um dado significativo, pois se trata de quase metade da turma com defasagem.

Há uma porcentagem significativa de alunos que moram em região metropolitana de Curitiba, como mostra o gráfico:

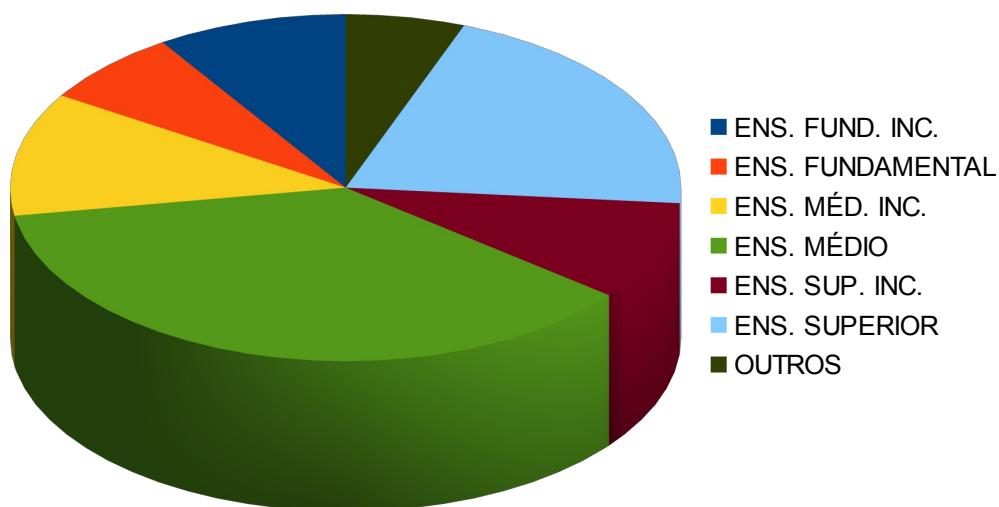
LOCALIDADE DE MORADIA DOS ALUNOS:



60% dos alunos moram em Curitiba, e 40% moram em cidades da região metropolitana. Pelas respostas do questionário, a maioria são alunos moradores dos mais diversos bairros do município de Colombo e Almirante Tamandaré. Tais dados são importantes para analisar a localidade onde moram, a fim de saber se isso influencia na sua vida estudantil em questão de estrutura que a sua cidade dispõe ou não para a finalidade de estudar, e o motivo de optar por estudar em uma escola em outra cidade. Pode-se responder a esta questão com os dados coletados na entrevista realizada com a estudante de classe popular, sendo conveniente adiantar aqui este assunto, pois é o caso dela, moradora do município de Colombo, que estudou todo o ensino fundamental na sua cidade, porém ao chegar ao ensino médio, ingressou no Colégio Estadual Leôncio Correia, em Curitiba, em busca de um sistema de ensino com mais qualidade, além do fato de que as escolas que ofertam esta etapa de ensino em sua cidade só ofertam no período noturno, o que, para ela, atrapalharia o seu rendimento nos estudos.

Quanto à escolaridade dos pais, vide gráfico:

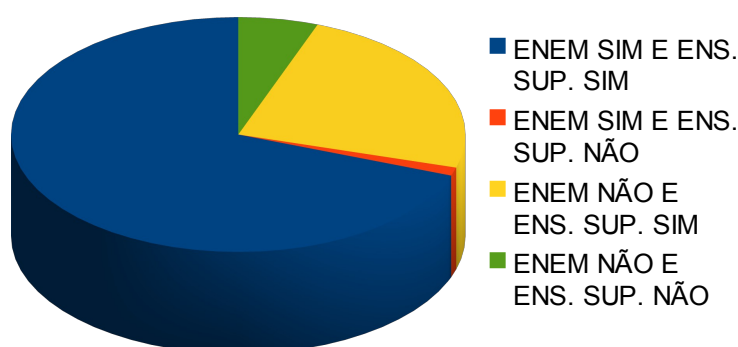
ESCOLARIDADE DOS PAIS:



Ao total dos alunos entrevistados, o gráfico nos esclarece que quase 37% dos pais têm nível médio completo, sendo esta a escolaridade em maior quantidade. Em segundo lugar, 21% dos pais possuem nível superior completo, e em terceiro lugar, com 11%, os pais apresentam nível médio incompleto.

Segue gráfico dos alunos que pretendem prestar o exame do ENEM juntamente com a pretensão ou não de prestar o vestibular para o ingresso no ensino superior:

ANSEIOS QUANTO À PRESTAR O ENEM E O VESTIBULAR:

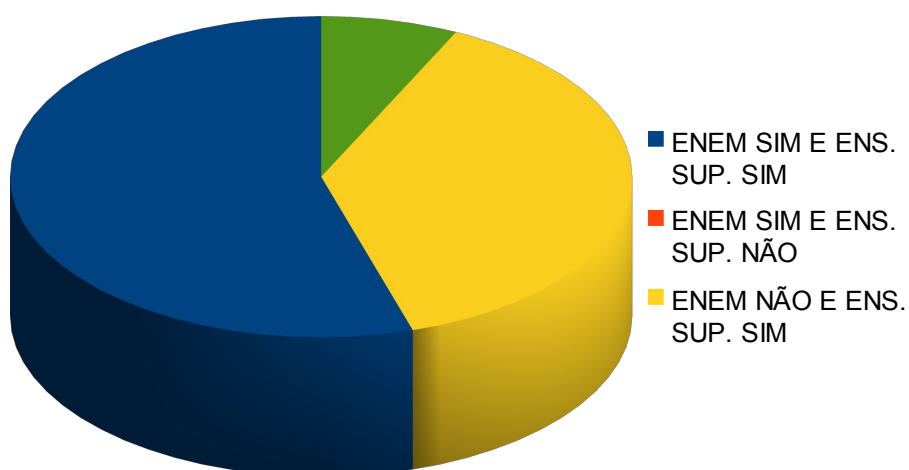


A maioria dos alunos, 69%, pretende prestar o exame do ENEM e também o vestibular, o que nos sugere a confirmação da hipótese de que a escolaridade dos pais de

alguma maneira incentiva a continuidade do estudo dos filhos no ensino superior. Em segundo lugar, 24% dos alunos não pretende prestar o exame do ENEM, mas desejam prestar um vestibular, e somente 5% não pretendem nem prestar o ENEM nem o vestibular.

Outro gráfico ainda é sobre o exame do ENEM e do vestibular, porém só com a análise das turmas do primeiro e segundo ano, a fim de verificar se há uma projeção/planejamento com mais antecedência em relação ao ingresso no ensino superior:

ANSEIOS QUANTO À PRESTAR O ENEM E O VESTIBULAR (SOMENTE COM AS TURMAS DE PRIMEIRO E SEGUNDO ANO):

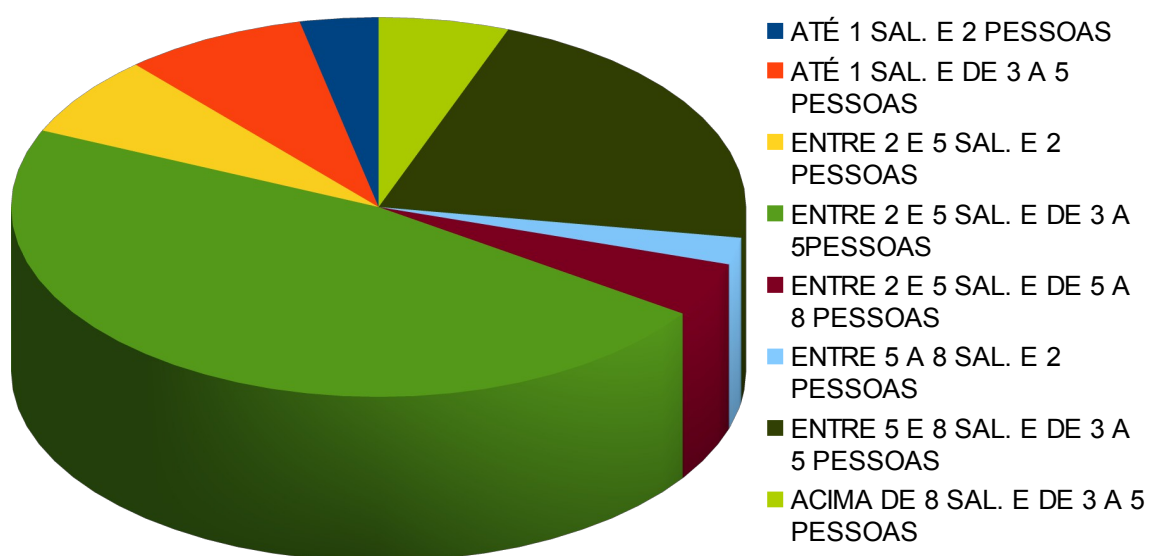


55% dos alunos destas séries pretendem prestar o ENEM e o vestibular, podendo-se afirmar que mais da metade está pensando sobre o ingresso ao ensino superior já nos primeiros anos do ensino médio, podendo indicar como eles projetam sua história escolar, pois se querem fazer universidade, desde a primeira série do ensino médio já pensam em se preparar. Tais dados são animadores em relação aos alunos de classe popular que estão buscando a continuidade dos estudos e reconhecendo neste caminho a chave para uma vida melhor. Em seguida, 38%, não pretendem prestar o ENEM, mas anseiam por prestar o vestibular, e por último, 7%, não pretendem prestar nenhum dos dois. Peugny

(2014) nos ajuda a pensar aqui que a “vitória de alguns indivíduos valorozos, 'salvos' das classes populares, pode legitimar o destino menos gloriosos de todos os outros, que, vencidos em uma competição escolar intensa, só podem se apoiar em si mesmos.” (PEUGNY, 2014, p. 95)

Outro gráfico é a quantidade de pessoas que moram na mesma casa em conjunto com a renda familiar:

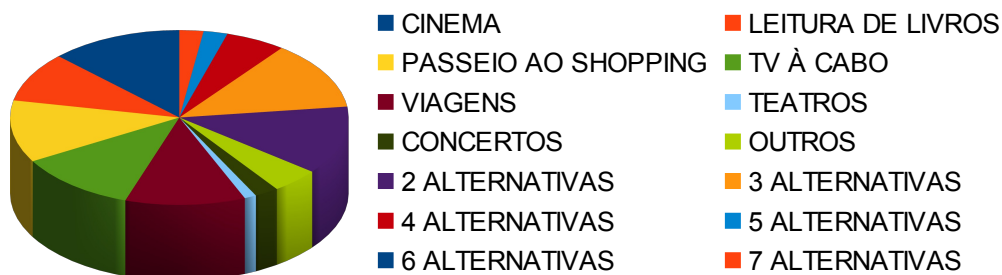
QUANTIDADE DE PESSOAS QUE MORAM NA CASA JUNTAMENTE COM A RENDA FAMILIAR:



A maioria dos alunos se encaixa em moradia de 3 a 5 pessoas, com renda entre 2 a 5 salários, apresentando uma porcentagem de 47%, quase a metade do total de alunos, arredondando uma renda *per capita* de cerca de 1 salário por pessoa residente na casa. Em seguida, 22% reside entre 3 a 5 pessoas na casa, com uma renda entre 5 a 8 salários, arredondando uma renda *per capita* de 2 salários. Esses dados são importantes para mostrar que o perfil econômico da maioria dos alunos que responderam ao questionário são provenientes de classe popular.

O próximo gráfico mostra as formas de lazer dos alunos:

FORMAS DE LAZER DOS ALUNOS:

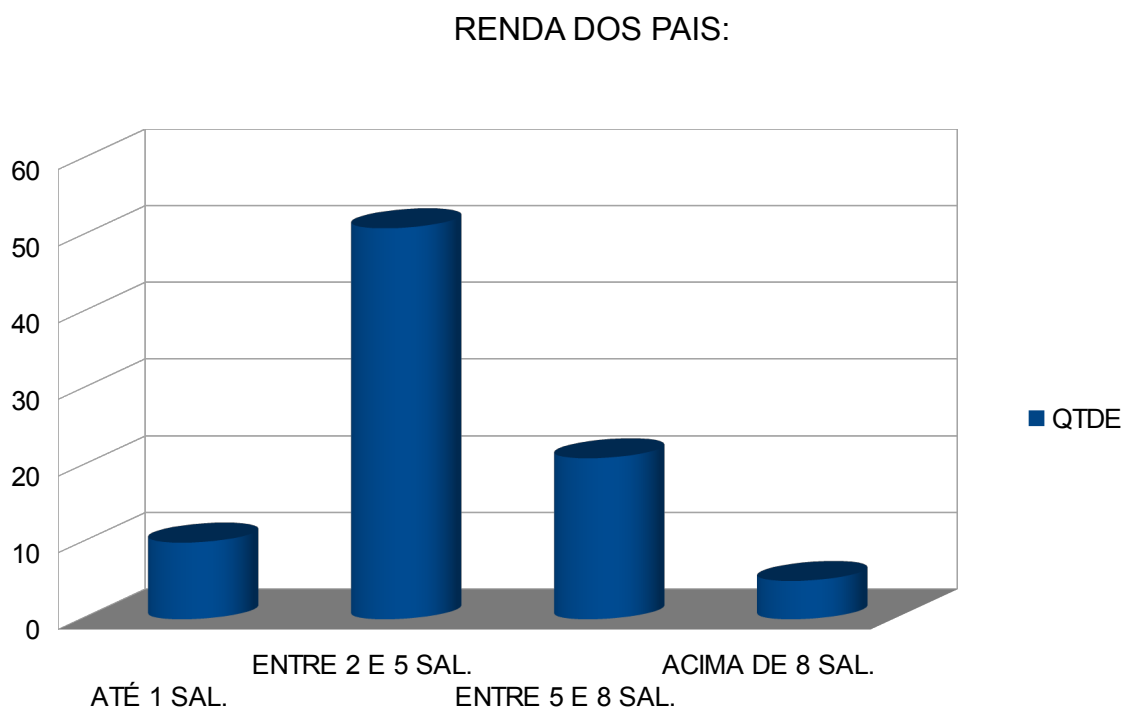


A maioria dos alunos, 12,6%, respondeu que vai ao cinema como forma de lazer, e em seguida, com 11,5%, vai ao shopping, e a mesma porcentagem se aplica a viajar e a assistir TV à cabo. 12,6% afirmaram praticar duas diferentes formas de lazer das citadas acima, e a mesma porcentagem afirmaram praticar uma combinação de três formas de lazer acima. 9% reponderam que a leitura de livros é sua principal forma de lazer. Estes dados são interessantes para ter a noção do *capital cultural* por eles adquirido, e como as formas de lazer desses jovens podem acrescentar na sua vida escolar.

No quesito religião, 60% do total de alunos entrevistados informaram ter outras religiões que não a católica, 14 se afirmaram protestantes e 36 afirmaram ter outra religião. Tal resultado leva à conclusão de que os alunos não entenderam o significado da palavra *protestante*, pois alguns alunos tiveram dúvidas no momento em que estavam respondendo, então possivelmente, pela falta de conhecimento do conceito, é possível que tais dados tenham perdido sua consistência nesta parte da pesquisa. 37 alunos se afirmaram católicos, com uma porcentagem de 40% do total. Este resultado permite observar a aparição de algo curioso, como a perda hegemonia da religião católica, apesar de serem dados amostrais de um pequeno número de indivíduos, mas são importantes para, através do micro, fazermos projeções e pensarmos no macro. Lahire (1995) se encaixa neste quesito na categoria por ele elencada como a ordem moral doméstica, que são os valores e a moral que os pais anseiam para com os seus filhos, dando grande

importância, dentre outros aspectos, ao “bom comportamento”, ao respeito à autoridade do professor, a relativa docibilidade e a atenção nas aulas. O aspecto moral das condutas do educando ocorre a todo momento no universo doméstico, podendo desempenhar um importante papel no comportamentos e atitudes que o aluno terá na escola, e a religião pode ser importante nesta parte, ao ensiná-lo a disciplina nos estudos. Assim, ele pode adquirir métodos de organização, estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de organização do mundo, daí a importância deste aspecto para tentar entender como a ordem da religião influencia as ideologias dos alunos, norteando sua maneira de pensar, aspirações e projetos de vida.

A seguir, vide gráfico da renda dos pais:



No quesito renda familiar, a maioria dos pais dos alunos, 58%, recebe entre 2 a 5 salários mínimos, 23% recebe acima de 5 salários mínimos e 11% recebe até 1 salário mínimo, o que esboça as condições e disposições financeiras da renda familiar dos alunos entrevistados. Lahire (1995) é importante neste aspecto para explicar, dentre as categorias que ele elencou como importantes para que ocorra o sucesso escolar nos meios populares, as condições e disposições econômicas, nas quais há várias situações

e fatores que podem influenciar nesta parte, como por exemplo um divórcio, uma situação de desemprego ou uma morte na família, durante o processo da vida pessoal e escolar do aluno, que podem acabar fragilizando a situação econômica familiar, e as maneiras de gerir tais condições econômicas acabam sendo produto de socialização familiar de origem e de trajetórias escolares e profissionais.

Quanto às questões abertas, as respostas à questão do que é ser um 'bom aluno' na visão deles, características como dedicação, cumprimento das obrigações, respeitar os professores, prestar atenção nas aulas e atingir boas notas se repetiram na maioria das respostas. Em tais respostas, pode-se delinear a ideia de mérito presente no imaginário escolar destes alunos na dedicação aos estudos como a diferenciação deles dos demais, como se somente o seu esforço os tornariam mais capazes de vencer a "corrida" do ensino superior, podendo influenciar no seu rendimento se a condição é a de depender somente deles próprios para a conquista do ingresso ao ensino superior. As afirmações de Peugny (2014) casam bem com este pensamento que habita nos alunos:

Fortes desigualdades sociais na área escolar põem em questão nossas sociedades meritocráticas. Essas desigualdades, no entanto, pesam muito mais quando as sociedades atribuem grande importância aos diplomas, fazendo os títulos escolares um fator decisivo para alcançar os diferentes degraus da estratificação social. (PEUGNY, 2014, p. 99)

Da mesma forma, Vieira (2013) traduz como a ideia do mérito está fortemente presente no imaginário dos alunos em geral, que se mostrou através de suas respostas, sendo a escola um local onde se criam oportunidades para todos concorrerem, mas somente os bons permanecerão, talvez por esta razão a característica 'dedicação' se sobressaiu, a fim de, através dela, os alunos terem a oportunidade de se destacarem dos demais na concorrência de quem será o melhor, permanecerá estudando, sendo excluídos os que não se dedicarem 'o suficiente'.

Nesta pesquisa, 85% respondeu que se consideram bons alunos e 15% respondeu que não, o que se percebe que a maioria deles se considera, de alguma forma, bom aluno. Na questão: "quem são os maiores incentivadores para a continuidade de sua trajetória escolar?", sobressaíram-se dentre todas as respostas o incentivo dos pais,

família, principalmente pelo motivo dos pais desejarem que seus filhos tenham uma vida que eles não tiveram, pois aqueles não completaram os estudos. Uma afirmação que chamou a atenção é a de que um aluno respondeu que pretende continuar os estudos pois quer ser “alguém na vida”, e ele próprio colocou o termo entre aspas, ideia esta construída socialmente, provavelmente por influência de seus familiares. E em relação à pergunta: “está se preparando para o vestibular de que maneira?”, 31% respondeu que está somente frequentando a escola, 49% está frequentando a escola e estudando em casa, 11% está frequentando a escola, estudando em casa e frequentando um cursinho preparatório pré-vestibular particular, e 3% está frequentando a escola, estudando em casa e frequentando um cursinho preparatório pré-vestibular gratuito. Lahire (1997, p. 28) pode esclarecer, acerca das categorias referentes às formas familiares de investimento pedagógico, que os pais almejam aos filhos o sucesso escolar através dos recursos pedagógicos a eles disponibilizados. Neste aspecto há casos em que a escolaridade pode se tornar uma obsessão familiar, ocorrendo um hiperinvestimento escolar ou pedagógico, em que os pais “sacrificam” a vida pelos filhos para que cheguem aonde eles mesmos gostariam de ter chegado, ou para que saiam da condição sociofamiliar onde vivem. Por outro lado, o investimento pedagógico pode operar segundo modalidades mais ou menos adequadas, para atingir o objetivo estabelecido, sendo que estes efeitos podem variar no aluno para que tenha sucesso escolar segundo a capacidade familiar de ajudá-lo a realizar os objetivos que lhe são determinados. Como a maioria das respostas, 49%, respondeu que está frequentando a escola e estudando em casa somente, nos dados amostrais desta pesquisa, pode-se analisar através da categoria das formas familiares de investimento pedagógico de Lahire (1997), que a maioria dos alunos não dispõe de um maior investimento por parte da família, e talvez isso se explique pelas condições econômicas dos pais, ou talvez por não acharem importante um investimento escolar a mais para com os filhos.

4.1 Caso particular: entrevista com aluna com sucesso escolar, de classe popular

O objetivo de realizar esta entrevista não é tendencioso no sentido de provar que

existe sucesso escolar nos meios populares, até porque sabemos que ele existe, e o objetivo deste trabalho é analisar como ele se dá ao longo da trajetória escolar e familiar do aluno. Lahire (1997) ajuda a justificar a razão e a importância de entrevistar somente um caso, fazendo uma reflexão acerca da singularidade e da generalização, ressaltando o cuidado que o pesquisador precisa ter para não generalizar os casos, e que não despreze os casos particulares, pois ao contextualizar no momento da leitura sociológica, estão sendo estudadas configurações familiares particulares, e nessa leitura, nos detalhes que se descobrem os processos de fracasso e sucesso.

A transcrição da entrevista se encontra na íntegra no anexo, ao final deste trabalho, sendo abordadas aqui as informações julgadas mais importantes. Trata-se de uma ex-aluna do Colégio Estadual Leôncio Correia, identificada neste trabalho como A., com 17 anos de idade, moradora do município de Colombo/PR. Mora com a sua mãe e seu irmão, e sua renda familiar não passa de um salário mínimo e meio por pessoa. Sua mãe tem o ensino médio completo e trabalha nos Correios, colocação esta conquistada através de concurso público, e seu irmão também é universitário, estudando em uma Universidade particular. Seus pais se separaram no início deste ano, e seu pai trabalha como caminhoneiro e possui somente o ensino fundamental de escolaridade.

A. estudou todo o ensino fundamental em duas escolas públicas, em Colombo, porém, como já abordado anteriormente, sua mãe procurou para ela, no ensino médio, uma instituição que ofertasse esta etapa de dia, pois em sua cidade só ofertava à noite, além da qualidade de ensino ser inferior, segundo ela. Por este motivo A. estudou o ensino médio no Colégio Estadual Leôncio Correia. Quando indagada sobre o que é ser uma boa aluna, sobressaiu-se novamente a palavra 'dedicação', afirmando que ela não podia esperar dos outros, devendo fazer por ela mesma, além de respeitar os professores, pois eles fazem muito pelos alunos, concluindo que se considera uma boa aluna, bastante dedicada.

Quando perguntado a ela sobre quem foram e/ou são seus maiores incentivadores nos seus estudos na sua infância e adolescência, responde enfaticamente que é sua mãe, pois a mesma é leitora voraz, e sempre a incentivou muito a ler, acompanhando de

forma muito presente a vida estudantil dos filhos, e que incentivar os filhos a estudar era tudo o que sua mãe podia e queria fazer por eles. Relatou que ano passado ganhou uma bolsa de cursinho preparatório pré-vestibular, e sua mãe teve que pagar a metade da bolsa, por isso A. tem noção do sacrifício dela ao arcar o gasto do cursinho, pra que ela pudesse passar no vestibular. Quanto a seu pai, o mesmo sempre viajava muito por conta da profissão, e por isso nunca foi tão próximo à sua vida estudantil.

A. prestou o vestibular na UFPR, pois afirmou que era o único jeito de conseguir fazer um curso superior, pois sua mãe não tinha condições de pagar uma faculdade particular, pelo motivo de sua família já investir na metade do curso do seu irmão, e a dela justificou que seria algo impossível de investir, pois não teria como arcar com a faculdade dos dois, então ela tinha a noção de que precisava passar em uma universidade pública, se quisesse cursar o ensino superior. A. passou pelas cotas sociais na UFPR, por ser estudante de escola pública e estar no quadro econômico considerado de baixa renda.

Ela realmente acha que o sucesso escolar pode possibilitar à pessoa uma melhor qualidade de vida, no sentido socioeconômico e de mobilidade social, através do esforço e dedicação, e das pessoas, no caso a família, ajudando, pois ela afirma que mesmo tendo força de vontade e com eles já ajudando é uma jornada difícil, e com pessoas desestimulando é mais difícil ainda. Mas na visão dela, se a pessoa tiver força de vontade, conseguirá conquistar muitas coisas e portas se abrirão em sua vida.

Interessante perceber como a dedicação, o esforço e a força de vontade são fortes em seu discurso, pois A. vem de classe popular, e como ela mesma disse, que se realmente quisesse cursar o ensino superior, teria que passar em uma universidade pública, devido às suas condições socioeconômicas. Mais uma vez a ideia de meritocracia perpassa e já se coloca presente em seu imaginário, como algo que lhe foi incutido desde o seu nascimento, pois sua mãe, atribuindo o lugar oriundo de classe popular na sociedade, viu nos estudos uma estratégia de superação desse lugar, passando esta concepção a seus filhos, tendo a consciência de que os membros dos meios populares podem fugir do ciclo da reprodução social, mas é mais difícil e árduo, por isso as características como esforço e dedicação estão tão impregnados na fala de A.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Os estudos sobre as trajetórias escolares de sucesso em classes populares despertaram o desejo e intenção de conhecer mais sobre os pormenores, a história e a origem da ideologia do mérito, e como seu conceito casou tão bem à uma sociedade capitalista neoliberal permeada de desigualdades sociais, e como esse discurso tenta maquiar a realidade, afirmando que existe a igualdade de oportunidades a todos, porém só permanece ou vence quem são os melhores, os mais capazes, os que se esforçaram mais. Este discurso errôneo está tão impregnado no pensamento do senso comum, que sem um conhecimento mais fundamentado em teorias sociológicas, ouvem-se falas absurdas rondando este tema, inclusive em relação às cotas raciais e sociais nas universidades.

A UFPR, através das cotas, está contribuindo para atenuar as desigualdades sociais que a reprodução social deste modelo capitalista gera, inserindo indivíduos das classes populares nas universidades públicas, a fim de que tenham melhores oportunidades de vida, ao conquistar uma profissão com maior qualificação, e por consequência com maior valorização e reconhecimento. Utilizando a fala da entrevistada A., para ela, vê-se muitos estudantes com condições financeiras que não precisariam estar estudando na UFPR, pois teriam meios financeiros de pagar uma faculdade particular, alunos que às vezes não apresentam um bom rendimento acadêmico, e que podiam ter disponibilizado a sua vaga para outros alunos, que poderiam apresentar mais empenho e vontade de estudar, resultando em possíveis profissionais mais qualificados para o mercado de trabalho. Na visão de A., sendo a universidade pública, ter cotas para baixa renda é estranho, pois a UFPR deveria por si só ser feita para a baixa renda, mas acabou se tornando para a elite, disponibilizando apenas uma porcentagem às cotas. Ela relata que a maioria de seus colegas de curso estudaram a vida toda em colégios particulares e de elite.

Lembrando que a UFPR, da mesma maneira que as escolas de educação básica, como é abordado no capítulo 2 deste trabalho, não é culpada por ter se transformado em um lugar para a elite, estando ela inserida em uma sociedade que produz em todos os seus espaços a desigualdade, e voltando ao conceito da *reprodução social* de Bourdieu e Passeron (2014), em que as classes dominantes pretendem reproduzir os membros das classes dominadas, a universidade acabou se tornando com o tempo um local predominantemente habitado por alunos mais bem preparados e treinados a passar no

seu vestibular, ou seja, os “meritocramente” mais preparados e mais capazes, pois os mesmos, desde crianças, estudaram em melhores escolas, e foram melhor preparados durante todo o seu percurso escolar para cursar o ensino superior em uma das melhores universidades do país. A ideia de meritocracia é tão forte, é um *fato social* tão presente e incutido nos indivíduos da sociedade, de maneira que está praticamente naturalizado em suas mentes, pois em minha trajetória escolar e de vida, já ouvi muitos colegas de classe, amigos e familiares afirmarem que nem tentaram o processo seletivo na UFPR, pois não acreditavam que conseguiriam passar. Tais discursos derrotistas (que de alguma forma foram construídos e por eles internalizados), gerados pela ideia da meritocracia, que está dentro da lógica capitalista e neoliberal, tentam manipular os ideais e anseios dos estudantes das classes populares, para que não acreditem que a universidade seja o seu lugar, sendo este mais um mecanismo de reprodução social, que pretende manter os membros da classe popular onde estão, tentando impedir seus membros de se superarem e almejem uma vida melhor através dos estudos. Bourdieu e Passeron (2014) abordam e elucidam muito bem essa questão neste excerto:

... as funções do exame não se reduzem aos serviços que ele presta à instituição e, menos ainda, às gratificações que ele ocasiona ao corpo universitário, é suficiente observar que a maioria daqueles que, em diversas fases do curso escolar, são excluídos dos estudos e se eliminam antes mesmo de serem examinados e que a proporção daqueles cuja eliminação é mascarada pela seleção abertamente operada difere segundo as classes sociais. (BOURDIEU, PASSERON, 2014, p. 187)

Sendo a UFPR uma universidade pública, de qualidade e prestígio social, pelo fato de ser muito concorrida, a sociedade em geral reproduz o discurso recorrente de que só se consegue ingressar nela quem está mais preparado, ficando de fora quem não “se esforçou” o suficiente, pensamento este que está posto no senso comum, e quem realmente precisaria estar nesta instituição, por não ter as condições financeiras de arcar com os gastos de uma faculdade particular, se mesmo assim quiser ingressar no ensino superior, terá que se esforçar muito mais, e concluindo seu curso, seu diploma não terá o mesmo prestígio que o diploma da UFPR, pois na escolha dos profissionais, as empresas, de forma predominante, levam em conta a instituição de ensino superior em que os candidatos cursaram seu curso, o peso dos diplomas não é o mesmo. Peugny (2014) elucida bem melhor como funciona mais este mecanismo de reprodução social que ocorre nas sociedades ocidentais:

... em todos os países ocidentais, a qualidade da entrada no mercado é proporcional ao nível de educação. Quanto mais elevado o nível do diploma, mais forte é a probabilidade de evitar o desemprego, assim como aquela de obter um emprego estável e bem remunerado. (PEUGNY, 2014, p. 99)

Por tais mecanismos perversos que a reprodução social produz, dentro de uma sociedade extremamente desigual, é que se faz necessário um estudo mais aprofundado neste tema, a fim de se desconstruir tais pensamentos já instaurados na população, a qual a todo momento é induzida a pensar de acordo com o *arbitrário cultural* das classes dominantes, transmitido e disseminado pelas mais diversas mídias, principalmente pela televisão em seus canais abertos, sendo este um dos meios de comunicação mais difundidos entre as classes populares, ou seja, as classes dominadas.

Finalizo este trabalho com a fala de Peugny (2015), que, da mesma forma com que suas afirmações trazem prerrogativas para a defesa da formação global e mais completa do indivíduo, principalmente o advindo da classe popular, para que ele possa ter um futuro melhor, no sentido da sociedade em geral criar ações e medidas, de maneira que haja a redução das desigualdades sociais, e de buscar a justiça social, como as ações da gestão democrática nas escolas públicas e a criação das cotas sociais e raciais que estão presentes nas universidades brasileiras. Expresso o mesmo desejo e anseio, presentes em meus estudos, de que tenhamos esperança e nos esforcemos, enquanto sociedade e humanidade, para criar mais medidas a fim de transformar a sociedade em um lugar mais justo e igualitário, com equidade social, como afirma Peugny (2015):

... uma sociedade democrática deve se preocupar com o destino dos “vencidos” na competição (tanto escolar quanto social). Mesmo se as condições da disputa social se tornassem menos injustas, seria desejável que o destino dos indivíduos seguisse estreitamente ligado a seu percurso escolar e unicamente a este? Para se opor aos mecanismos de reprodução social, é necessário, ao contrário, multiplicar os momentos de igualdade ao longo do curso de vida, e, portanto, os momentos de formação. Evidentemente, a formação inicial deve exercer um papel preponderante, não por outra razão se não por ser a primeira e permitir aos indivíduos a se elevar acima de sua condição de origem. Mas ela também deve constituir a primeira etapa de um percurso de formação que se desenvolve ao longo da vida, particularmente para os menos diplomados (na saída da formação inicial). (PEUGNY, 2014, p. 101)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**- Rio De Janeiro/ RJ: FGV, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1985.

BORDIEU, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CABRAL, João Francisco Pereira. **"A definição de ação social de Max Weber"**; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/filosofia/a-definicao-acao-social-max-weber.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2015.

DUBET, François. **A escola e a exclusão**. *Cad. Pesqui.*[online]. 2003, n.119, pp. 29-45. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000200002>.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2004, vol.34, n.123, pp. 539-555. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742004000300002>.

GROSSMAN, Eloisa. **A construção do conceito de adolescência no Ocidente**. *Adolesc Saúde*. 2010;7(3):47-51

LAHIRE, Bernard. **Crenças coletivas e desigualdades culturais**. *Educ. Soc.* [online]. 2003, vol.24, n.84, pp. 983-995. ISSN 1678-4626.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LEAO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio e REIS, Juliana Batista dos. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. *Educ. Soc.*[online]. 2011, vol.32, n.117, pp. 1067-1084.

ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010>.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Organização e gestão da escola – Teoria e prática**. Ed.Alternativa. Disponível em www.terras.edu.ar/aula/cursos/8/biblio/LIBANEO-Jose-Carlos-Cap-2-uma-escola-para-novos-tempos.pdf

NAIFF, Luciene Alves Miguez; SA, Celso Pereira de and NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. **Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*[online]. 2008, vol.18, n.39, pp. 125-138. ISSN 1982-4327. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100012>.

PEUGNY, Camille. **O destino vem de berço? Desigualdade e reprodução social**-Campinas, SP: Papirus, 2014.

SOUSA, S. M. Z. L. **"Possíveis impactos das políticas de avaliação no currículo escolar."** *Cadernos de Pesquisa* 119 (2003): 175-190.

VALLE, Ione Ribeiro.(In)**Justiça escolar: estaria em xeque a concepção clássica de democratização da educação?**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2013, vol.39, n.3, pp. 659-672. Epub09-Ago-2013. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013005000015>.

<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3525/2905>

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=167>

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Questionário desenvolvido para elaboração do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia e visa analisar as trajetórias escolares de alunos do ensino médio e sua expectativa de inserção no nível superior de ensino. Este formulário garante o anonimato e suas observações não serão divulgadas sem prévia autorização.

1) idade:

2) gênero: () feminino () masculino () outros

3) Bairro onde reside: _____

4) Quantas pessoas residem na casa: () 1 pessoa () 2 pessoas () 3 a 5 () 5 a 8

5) religião: () católica () protestante () outros

6) Cor/raça : () branca () parda () preta () outros

7) escolaridade dos pais:

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

() ensino superior completo

() outros

8) Qual a renda familiar?:

() até 1 salário mínimo

() entre 2 a 5 salários mínimos

() entre 5 a 8 salários mínimos

() Acima de 8 salários mínimos

9) Qual a forma de lazer que você mais pratica?

() cinema

() viagens

() leitura de livros

() teatros

() concertos

- Tv à cabo
- passeio ao shopping

10) O que é ser um “bom aluno” para você?

11) Você se considera um bom aluno? sim não

12) Você vai fazer ou já fez a prova ENEM? sim não

13) Você está preparado para a prova do ENEM? Por quê?

14) Quem são os maiores incentivadores para a continuidade de sua trajetória escolar?

Explique:

15) Concluindo o ensino médio, pretende ingressar no ensino superior? sim não

16) Se sim, deseja tentar vestibular para qual faculdade/ universidade?

- UFPR ou outras universidades públicas, federais ou estaduais
- faculdades particulares
- Ambas as alternativas anteriores

17) Está se preparando para o vestibular de que maneira?

- Frequentando apenas a escola
- Frequentando a escola e estudando em casa
- Frequentando a escola, estudando em casa, e também frequentando curso preparatório pré-vestibular particular
- Estudando na escola, em casa, e também frequentando curso preparatório pré-vestibular gratuito

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

ENTREVISTADORA: Qual seu nome completo?

ALUNA: A. G. C. B.

E. : Qual a sua idade?

A. : 17 anos.

E. : Qual sua renda familiar?

A. : Minha renda familiar não passa de um salário mínimo e meio por pessoa, tanto é que eu sou cotista na faculdade.

E. : E você mora com quem?

A. : Com a minha mãe e o meu irmão agora, e minha mãe está grávida.

E. : Em que bairro e em que cidade você mora?

A.: Eu moro em Paloma, Colombo.

E. : Qual a escolaridade e a profissão da sua mãe?

A. : Minha mãe completou o ensino médio, ela tem o ensino médio completo, e trabalha como carteiraira.

E. : Ela é concursada pelos Correios?

A. : Isso!

E. : Você tem contato com o seu pai?

A. : Meu pai e minha mãe se separaram no começo desse ano, na verdade, e meu pai só tem o ensino fundamental, ele só tem a 4ª série, e trabalha de caminhoneiro.

E. : Onde você estudou no seu ensino fundamental e ensino médio?

A. : No meu ensino fundamental, de 1ª à 4ª série eu fiz no Colégio Municipal Santa Isabel, que é lá em Colombo, de 5ª à 8ª também estudei em colégio público, no Colégio Estadual Luiz Sebastião Baldo, e meu ensino médio eu fiz no Leôncio (em Curitiba).

E. : O que é ser um “bom aluno” pra você?

A. : Eu acho que é se dedicar... Você não pode esperar dos outros, você deve fazer por você mesmo, e o respeito aos professores, que acho que fazem tanto pela gente.

E. : No ensino fundamental e médio você se considerou uma boa aluna?

A. : Eu acho que sim! Na verdade, no colégio onde eu estudava, no ensino fundamental, de 5ª à 8ª série, se você não fosse, você se perdia... A realidade de Colombo é bem diferente, assim, e lá era: ou você faz, ou você não faz, os professores não ficavam muito atrás. No Leônico é uma realidade um pouco diferente, todo mundo está sempre preocupado com você, mas eu acho que por eu vir de um lugar onde ou você faz, ou você desiste do que você está fazendo, eu sempre me dediquei bastante.

E. : Quais são e/ou quais foram seus maiores incentivadores nos seus estudos na sua infância e adolescência?

A. : Minha mãe, sem dúvida! Sim! Minha mãe é fissurada em leitura, e ela sempre incentivou muito a gente a ler. Ela sempre ficou muito “em cima”, e ela sempre falou que criava filho pra estudar, era tudo que ela podia fazer! Ano passado eu ganhei uma bolsa de cursinho, e ela tinha que pagar a metade da bolsa, e eu tenho noção do quanto ela teve que se sacrificar pra pagar o meu cursinho, pra eu poder passar numa faculdade.

E. : E o seu pai incentivou os seus estudos?

A. : Meu pai, na verdade, eu acho que ele nunca recebeu isso de casa, então como ele saiu da escola cedo, ele não achava tão importante assim, ele achava importante formar a gente pra vida... Sempre achou: “ai, que bom que vocês passaram!”, mas nunca foi aquela pessoa que estava “em cima”. Minha mãe sempre cobrou: “cadê a tarefa pronta? Cadê a nota da prova?”, sempre estava na escola. Meu pai sempre viajava muito, e pelo jeito dele de ser distante, nunca foi tão próximo à escola.

E. : Por que você tentou vestibular em uma universidade pública, concorrida e de prestígio, no caso a UFPR?

A. : Porque era um dos únicos jeitos de eu conseguir fazer uma faculdade. Minha mãe não tinha condições de pagar uma particular. Deu tudo certo e eu passei na Federal!

E. : Você tentou vestibular em outras faculdades, públicas ou particulares?

A. : Tentei a Evangélica, passei também, e mais a Federal, mas eu tinha uma noção de que a minha família não aguentaria pagar. Eles já pagam metade da faculdade do meu irmão, e a minha seria algo impossível de ser paga... Ou era a dele pra ele concluir, ou era a minha, então eu tinha uma noção de que eu tinha que passar em uma universidade

pública, se eu quisesse me formar.

E. : Você passou pelas cotas sociais na UFPR, certo?

A. : Sim, eu passei pela cota social de colégio público e renda baixa.

E. : Quando você entrou pelas cotas sociais, você sentiu o preconceito por parte do meio social acadêmico?

A. : Tratar diferente não, o que você vê é que a Federal não seja totalmente algo público, você vê muita pessoa estudando lá dentro que não precisava estar lá, que tinha condições de pagar uma faculdade, que está lá por estar... Pessoas que às vezes não estão nem aí para estudar realmente, e que podiam ter dado a sua vaga para outras pessoas, tanto é que essa faculdade é uma faculdade pública, e eu acho meio estranho esse negócio de cota para baixa renda, pois ela (a UFPR) deveria ser feita para a baixa renda, mas acaba sendo pra elite, e tem uma porcentagem que alunos entram por cotas. A maioria das meninas que estudam comigo vieram de Dom Bosco, Positivo, a vida inteira.

E. : Pra você, qual a importância de estar cursando o ensino superior na UFPR?

A.: É realmente conseguir cursar... Quando você passa na Federal, você vê a receptividade das pessoas: “nossa, eu passei na Federal!” E todo mundo fica: “Nossa, Parabéns! Alguém de escola pública! Nossa, parabéns!” As pessoas ficam bem orgulhosas, e eu me sinto bastante orgulhosa! Eu sempre duvidei muito da minha capacidade, assim... E eu tenho uma tatuagem no braço escrito “Acredite”, e eu fiz depois que eu passei na faculdade que eu tive essa noção de que eu preciso acreditar mais em mim. Se eu não achasse que eu fosse capaz, eu passei no vestibular e eu provei pra quem quisesse ver que eu era capaz... Minha mãe ficou muito orgulhosa, saiu do serviço e foi comigo no banho de lama, chorou um monte... (risos)

E. : Você se considera uma pessoa de origem popular com sucesso escolar?

A. : Sim, eu acho que sim! Mas é isso, né... Não sei explicar, mas é você saber que você é capaz... As pessoas dizem: “Nossa, parabéns! Você estudou a vida inteira em colégio público”, como se fosse algo ruim você ter estudado em colégio público e “nossa! Você conseguiu passar!”... Porque a gente não acredita na gente... No colégio que eu estudava

no ensino fundamental você via a galera nem aí, e eu vim fui pro Leôncio (ensino médio) porque lá em Colombo você não tem, dificilmente você consegue vaga em um colégio que oferece ensino médio de dia, só tem um colégio lá, o resto são todos à noite... E minha mãe já dizia que o colégio não é suficiente de dia, e se eu te mandar pra noite, imagina! Hoje o colégio em Colombo que eu estudava está bem melhor, mas antes era muito ruim, você via de tudo dentro da escola, respeito era algo que não existia. Se o professor falasse “não”, os alunos aumentavam a voz, e acabou! Então lá,ninguém acredita mesmo, ninguém está nem aí assim...

E. : Pra você, como está sendo cursar o ensino superior, ainda mais na Federal? Como está sendo a rotina de estudos?

A. : É diferente do ensino médio, é outro mundo, muito mais puxado, e é de novo você por você, né... Nenhum professor vai pegar na sua mão e vai dizer “você tem que fazer!”... Ou você faz, ou você não faz, é a sua profissão, é você que tem que ter força de vontade. É outra rotina, e eu estudo integral, das 7:00 da manhã até 5:30 da tarde, é uma hora pro almoço às vezes, eu almoço correndo, volto... Faço prova, faço trabalho, mas a Federal, a gente aprende muita coisa, assim, já tem visita em hospital, então a gente já tem toda uma realidade. Você já tem noção do que você quer, porque já tem desistente já no primeiro ano, que a galera vê que não vai conseguir, que não é isso, mas eu tenho orgulho de estar lá dentro... A equipe da Federal honra o nome da faculdade.

E. : Quais são os planos para o seu futuro acadêmico? Pretende continuar os estudos após a graduação?

A. : Eu pretendo me formar, e por necessidade minha eu preciso trabalhar, mas eu pretendo, se eu conseguir me manter, fazer uma pós em saúde infantil, que é a área que eu quero trabalhar, mas assim que eu sair da faculdade,eu quero tentar residência, tentar alguma coisa, porque a gente não pode parar na verdade! Se você parar de estudar, você não tem o que passar pra frente, você tem que estar sempre envolvendo alguma coisa, assim...

E. : Então quais os planos para o seu futuro profissional?

A. : Trabalhar com saúde infantil, com crianças.

E. : Você acha que o sucesso escolar pode te possibilitar uma melhor qualidade de vida, no sentido socioeconômico e de mobilidade social?

A. : Sim, com certeza! É um pouco de tudo, né? É esforço, é dedicação, é todo mundo tentando te ajudar, porque querendo ou não, se você tiver força de vontade, mas todo mundo te empurrar pra baixo, é muito difícil continuar... Já é difícil com as pessoas te ajudando, do lugar que você vem, mas abre totalmente portas, se você tiver força de vontade, você consegue muita coisa!